

Edward Said, entre o alinhamento e a dissonância, o intelectual

Nazir Can¹
Rita Chaves²

No café
À beira-mar
Perguntas com
O quê, como, onde
E muito do que a memória guarda
Embalsamado são interrogações.
Yussra Assahar

*Edward colocou a Palestina no coração do mundo,
e o mundo no coração da Palestina.*
Mahmoud Darwish

“Fora do lugar”, a expressão que intitula o livro de memórias de Edward Said, pode ser vista como uma senha para a compreensão de seu pensamento e como sugestão de estratégia para a leitura de mundo em que ele investiu a sua inteligência e a sua sensibilidade. A ideia de lugar indica o destaque dispensado à Geografia, disciplina que, desde a segunda metade do século XX, ganha corpo junto à História nos estudos realizados no campo das Humanidades, com a aproximação se fazendo em dupla direção: historiadores, cientistas sociais e estudiosos da literatura procuram incorporar o espaço em suas abordagens, enquanto geógrafos propõem a incorporação do tempo nas análises. No Brasil, Antonio Cândido, em

¹ Professor Serra Húnter no Departamento de Tradução e Interpretação e Estudos da Ásia Oriental da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), onde também desempenha os cargos de Vice-Decano da Faculdade de Tradução e Interpretação e Diretor da Cátedra José Saramago. É autor de *João Paulo Borges Coelho: ficção, memória, cesura* (2021) e *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio* (2020). <https://orcid.org/0000-0002-7509-9688>; E-mail: nazir.ahmed.can@uab.cat.

² Professora associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP. Foi professora visitante na Yale University. Integra o Comitê Curatorial do Museu da Língua Portuguesa. É autora de *A formação do romance angolano* (1999) e de *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários* (2^a ed. 2022; 1^a ed. 2005). <https://orcid.org/0000-0002-1584-8659>; E-mail: ritachaves@usp.br.

Formação da Literatura Brasileira (Candido, 1959), alertou para a “fome de espaço” que marcou a nossa prosa de ficção; por sua vez, Milton Santos investiu na relação espaço-tempo para a elaboração de sua teoria do espaço, base de *Por uma Geografia Nova* (Santos, 1986) e *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (Santos, 1996). Nas propostas que se desdobram do trabalho desses dois estudiosos, são nítidos os laços com o pensamento do autor de *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo*, que enfatizava a luta pela geografia, “complexa e interessante, porque não diz apenas respeito a soldados e canhões, mas também a ideias, formas, imagens e imaginações” (Said, 1993, p. 38).

O combate na e pela geografia alcançou, nas últimas décadas, novos patamares. Para além da preocupação com os problemas em torno do ambiente, diretamente ligados ao destino do planeta, que deram uma impressionante visibilidade às relações entre o homem e os territórios que ele habita, o volume e a força dos movimentos migratórios conferiram relevância aos laços entre circulação e geopolítica, mobilizando a atenção na academia, nos *media*, nos parlamentos. A demolição de alguns muros e a construção de muitos outros na América, na Europa e no Oriente Médio são metonímias da tensão acentuada. As praias coalhadas de barcos com gente procurando escapar da morte em seus países, de que a Ilha de Lampedusa foi uma terrível amostra, compõem uma imagem duríssima dos impasses do nosso presente sacudido pelas questões de território que a globalização só acentuou.

Em meio a essa vaga de refugiados, desnudando o mito da diluição de fronteiras, é curioso notar como a divisão baseada na ordem temporal que, a partir das chamadas “descobertas” emerge entre Velho e Novo Mundo, foi sendo substituída por classificações elaboradas sobre o primado do espaço, de que são exemplos os pares norte e sul, centro e periferia, entre outros. A consciência da importância desse elemento articula-se à consolidação da interdisciplinaridade como um método no estudo dos processos sociais que têm determinado a ordem mundial e esse seria já um dado positivo a ser lido no título que Said escolhe para as suas memórias. Mas ele vai além ao somar o “fora” e nos fazer pensar na noção de movimento que o advérbio sugere. A mobilidade aí se insinuando constitui um ponto de apoio para o abalo da estrutura que enquadrava os povos dominados e suas experiências. É verdade que o “fora de lugar” se vincula ao dado biográfico desse homem que nasceu na Palestina, cresceu no Egito e viveu anos nos Estados Unidos da América, onde se torna o intelectual que conhecemos. Importa, todavia, reparar a capacidade que ele demonstra de ancorar nas andanças o seu ponto de

vista, preferindo, como confessa ao final de seu livro, sentir-se “um feixe de correntes que fluem”.

A perspectiva do trânsito que acompanha o pensamento de Said nos permite também compreender o seu modo de interpretar tantos temas complexos, como o exílio e o nacionalismo. No plano da política internacional, ele via no “consenso fabricado”, denunciado por Chomsky, uma arma poderosíssima contra a luta dos oprimidos e empenhou-se em apontar o processo de inviabilização dos palestinos. As certezas que alimentaram a sua militância não interditaram a sua percepção de tantos riscos, como os que enxergava na defesa do nacionalismo, isto é, ele soube distinguir o “nacionalismo triunfalista” e o nacionalismo discutido por Fanon em *Os condenados da terra*. Seu inabalável compromisso com a libertação da Palestina não o afastava do apoio a outras lutas contra a injustiça e a tirania, sem perder nunca a noção de certos perigos. Em entrevista a David Barsamian, a posição é explicitada:

Quando a consciência nacional torna-se um fim em si mesma, quando uma particularidade étnica ou racial ou a essência nacional, em grande medida inventada, vira a meta de uma civilização, cultura ou partido político, você sabe que esse é o fim da comunidade humana e que estamos diante de outra coisa. (Said, 2013, p. 65)

A restrição relativa às questões identitárias não pode ser lida como falta de apreço aos combates contra a opressão. Ao contrário, o seu medo tem origem na possibilidade de ver substituído um sistema opressivo por outro. Em mais de uma ocasião, ele identifica aspectos comuns entre vários combates e assinala a oportunidade de estudar a confluência da OLP (Organização de Libertação da Palestina) com a SWAPO³ (Organização do Povo do Sudoeste Africano), o ANC⁴ (Congresso Nacional Africano) e os sandinistas da Nicarágua. Juntamente com sua incansável lealdade à questão palestina, conviveu com a consciência da legitimidade de outras batalhas. Decisivo em sua avaliação política, o cosmopolitismo de sua visão atravessou seus livros sobre política e estética, conferindo-lhes a originalidade que reconhecemos.

Tal originalidade explica-se também pela associação entre a extraordinária erudição e a capacidade de fazer de sua experiência um ponto de partida para escapar ao dogmatismo nos variados campos. De acordo com Nubar Hovsepian,

³ Southwest Africa People's Organization.

⁴ African National Congress.

Said expande o conceito de intelectual orgânico de Gramsci quando “exorta o intelectual moderno a resistir à sedução do poder e da especialização” (Said, 2013, p. 24), para “universalizar e dar um escopo maior à crise que assola qualquer nação a qualquer momento associando essa experiência com o ‘sofrimento dos outros’” (idem). Essa abordagem do intelectual que, em suas próprias palavras, reside na “interação entre a universalidade e o local, o subjetivo, o aqui e agora” (Said, 2005, p. 12) anima a sua identificação com outros pensadores que têm provocado transformações na interpretação do presente. Trazer a mobilidade para o centro, associando a errância a uma forma de ver e sentir o mundo, motivou as reflexões de nomes tão diversos, como Achille Mbembe, Frantz Fanon, Juan Goytisolo, Marc Augé, e Ruy Duarte de Carvalho, para citarmos apenas alguns. Ao confrontar Fanon com Michel Foucault, Said reconhece que no repertório de ambos estão presentes Hegel, Marx, Freud, Nietzsche, Canguilhem e Sartre, mas apenas o antilhano “coloca esse tremendo arsenal a serviço do antiautoritarismo” (Said, 1995, p. 343). Nesse caso, ele nos faz perceber, a coincidência da bagagem cultural não desmacha a diferença de perspectivas.

Não poderia ser diferente, considerando a força das estruturas de sentimento, a que ele se refere em *Cultura e imperialismo*, e as hipóteses de ruptura que são potencializadas por alguns intelectuais que apostam até mesmo a sua vida na luta pela transformação. Em contextos radicais, impõe-se, inclusive, entender o conceito de violência guardado por algumas propostas e a sua funcionalidade nos processos libertadores. Afastando-se do padrão ocidental, na radicalidade de suas reflexões, Said aproxima-se da África, avançando sobre a simples ideia do “espírito africano” – a tradução da noção de “oriental” – para ler com intelectuais africanos ou identificados com a África os roteiros que eles compreenderam como seus, entre os quais destacam-se o já referido Fanon e Amílcar Cabral. Em ambos, ele remarca, “a ênfase sobre a luta armada é eminentemente tática. Para Cabral, é preciso que a luta se dê por meio da violência, da organização e da militância, porque o imperialismo afastou o não europeu de experiências permitidas apenas aos brancos” (Said, 1993, p. 339). Como poucos, Said empenhou-se em compreender o conceito de luta de libertação como um ato cultural, um dos eixos do pensamento do combatente guineense.

O apego a uma dimensão viva, em diálogo constante com a política, está na base de um desafio que fez do pensamento e da prática de Said uma inspiração para ler esse mundo que lhe sucedeu. Pela sua mão, somos conduzidos pelas veredas do presente, esse presente em que vivemos cercados por sinais que

evidenciam a continuação do processo expansionista. Dinamizado há muitos séculos, o império mapeou o planeta e permanece dando as cartas no curso de seu desenvolvimento, condicionando operações que ultrapassam o terreno do concreto para remarcar de modo vital o campo simbólico. Por esse prisma, o foco recai nos “documentos culturais”, entre os quais patenteia-se a literatura (Said, 2013, p. 68) na implantação de políticas de dominação. Sobre o desenho, em constante movimento, mas ainda refém do pensamento dominante, ou, melhor dizendo, do pensamento do dominante, Said soube construir um olhar e produzir ferramentas de observação capazes de superar os limites da inventariação e da catalogação com que se busca, com incômoda constância, radiografar o dominado, o periférico. É o que temos em *Cultura e imperialismo*, em cujos capítulos encontramos referências não só aos textos e atores identificados com os processos de dominação, mas também os sinais da insubmissão. Ao lado de Jane Austen e Albert Camus, estão evocados Yeats, W. Soyinka, Chinua Achebe e o já citado Cabral, entre tantos outros.

Em sua obra, o par dilemático hegemônico/periférico, que podemos ler como uma das traduções de Ocidente/Oriente, é peça-chave para uma leitura não apenas da oposição, mas da contradição que estrutura os discursos de poder, dos quais nem sempre o saber consegue se apartar. Sua proposta é mesmo a de alertar para essa perigosa simbiose que, não raro, converte em aliado o que deveria ser um instrumento de decodificação. A impossibilidade de isolar as ideias e as culturas de configurações de poder é um dos eixos do conceito de Orientalismo enquanto um “sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental” (Said, 2007, p. 34). Nas imagens construídas pelo discurso jornalístico, pelos textos literários e também pelo cinema, a correspondência com uma visão real ou próxima do Oriente perde força diante da necessidade de se dispor de um sistema de valores apto a aquilatar, de forma redutora, o que está para além das fronteiras do Ocidente, compreendido não como um espaço geográfico, mas sim como um local de poder.

Uma das consequências dessa dramática e fecunda relação entre poder e geografia explica os nexos entre os conceitos de colonialismo/imperialismo e a visão de orientalismo elaborada por Said. Mais que paisagens, a oposição ocidente/oriente referia-se a gentes. Na base dessa conexão, temos a figuração do papel de sujeito para uns e a objetificação do outro. Aos que protagonizaram a expansão e promoveram as viagens ficou também assegurada a capacidade de descrever as terras em que aportavam. Ficou consagrado o direito à palavra. Ao

outro, ao que foi “descoberto”, coube a possibilidade de ser descrito e restou, mais tarde, a prática da autoetnografia, na acepção da linguista Mary-Louise Pratt. Situada no quadro de “instâncias nas quais os indivíduos das colônias empreendem a representação de si mesmos de forma *comprometida com os termos do colonizador*”, a autoetnografia pressupõe a incorporação do léxico do conquistador (Pratt, 1999, p. 32). A sua elaboração instala-se no terreno da heterogenia e da intermediação porque, muitas vezes, a vocalização de seus discursos é simultaneamente dirigida aos leitores metropolitanos e aos setores letrados em que ele se integra. Estamos, pois, diante de uma enorme dificuldade de desvinculação de um destino, a que só muito raramente se pode escapar.

Em seu esclarecedor *Os olhos do Império*, Pratt reverbera criativamente alguns postulados de Said, mas não se trata de um caso raro, como já defendemos. Pela justeza e verticalidade das ferramentas que propõe para o exame do nosso presente, Edward Said convida à aproximação com outros intelectuais comprometidos com a urgência de construir novas perspectivas para observar o processo expansionista que, interferindo na ordem mundial, segue condicionando o nosso imaginário. O diálogo é real com o martiniano Frantz Fanon e o camaronês Achille Mbembe, autores, em épocas diversas, de trabalhos essenciais sobre o continente africano e sobre o percurso de suas populações no mundo. Ao trazer a África para o campo do orientalismo, ele intensifica o descentramento de sua perspectiva.

Título de um dos segmentos de *Sair da grande noite* (Mbembe, 2013), a imagem da África como uma “casa sem chaves” é trabalhada por Mbembe para decodificar a complexidade do universo que estuda, com o foco recaindo nos processos de alargamento e contração das fronteiras africanas. Pela sua dimensão estrutural, tal instabilidade gerou alterações no corpo do continente, fazendo emergir outras formas de territorialidades, afetando “profundamente as condições materiais de produção da vida e da cultura na África Subsaariana” (idem, p. 141), fenômeno que nos conduz aos “territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas”, a que Said se refere no primeiro capítulo de *Cultura e imperialismo*. Perante a superposição de espaços, que não deixa de traduzir a convergência de temporalidades diversas, a abordagem das sociedades africanas precisa considerar o impacto do movimento e a interdependência de terrenos culturais como dados constitutivos de todas as histórias, como Said nos ensina já nas primeiras páginas dessa obra.

Muito frequentemente associado aos estudos pós-coloniais, o autor palestino nunca se prendeu a rótulos, procurando, na medida do possível, para abrir o debate, convocar modos de reflexão pautados pela necessidade de observar o Império sem nunca experimentar qualquer sensação de conforto diante dessa imprescindível consciência. A vitória de movimentos independentistas, como os que balançaram o continente africano a partir dos anos de 1940, não obstante sua relevância, foi insuficiente para uma transformação efetiva no concerto dos centros de poder. Cada vez é mais óbvio que a ultrapassagem do período mais duro não significou, de modo algum, a superação dos problemas por séculos semeados. Porque não deixou de existir, esse passado insiste em vir à superfície. Dado que o “pós”, que contaminou teorias e interpretação, não instalou milagrosamente uma nova fase, o alívio vem mesmo da crença na possibilidade de se poder superar o monolitismo que o domínio colonial impunha. Em toda a sua obra, pode se ver disseminada a indagação sintetizada por Manuela Ribeiro Sanches, uma de suas notáveis leitoras, na introdução ao seu *Malhas que os impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*: “Como falar do pós-colonial sem pensar o colonial e a reação mais imediata a este?” (Sanches, 2011, p. 10).

Em uma contemporaneidade abalada por conflitos de naturezas várias, a tensão decorrente de ditames imperiais tem se reciclado e reclama a renovação do debate em torno dos fluxos entre o padrão ocidental e os outros códigos culturais, seus avanços e impasses. Os movimentos de deslocamento das populações, o seu apego ao patrimônio cultural que sentem ameaçado, a força das desigualdades em espaços concentrados, ou seja, ações impulsionadas pela globalização, que, em tese, aproximariam os centros e as margens, geraram mudanças com repercussão nas próprias noções de território com que hoje dialogam as produções culturais. Os confrontos étnicos, os conflitos de gênero, os modos de ser e estar de novos sujeitos em diferentes espaços são incorporados, em uma gama variadíssima de métodos e linguagens, pelos discursos artísticos e intelectuais que compõem um acervo propício a abordagens mais afinadas com a discussão sobre a ordem colonial que teima em sobreviver. Sua síntese não deixa dúvida: após 1945, “com a era da descolonização, quando os impérios britânico e francês foram desmantelados e os Estados Unidos assumiram o poder, deu-se uma continuação das mesmas características” (Said, 2013, p. 69). Para ele, a questão da Palestina era o sinal mais gritante desse quadro.

Prosseguindo na linha do seminal *Orientalismo, Cultura e imperialismo*, cuja publicação completa agora trinta anos, trouxe grande impacto aos estudos sobre

as complexas relações entre o primado do Ocidente e os movimentos de resistência com que os espaços “orientalizados” procuram responder às várias tentativas de redução e aprisionamento que sofrem a sua história, a sua geografia, as suas populações. Pelas análises acutilantes, Said nos oferece um valioso quadro de referências e argumentos que vem nos recordar a todo o momento a legitimidade de rejeitar a concepção de cultura como um “plácido reino de refinamento apolíneo”, para reconhecê-la antes como “um campo de batalha, onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si” (Said, 1995, p. 14).

Said morreu em 2003. Vinte anos após a sua morte, o mundo parece longe de encontrar respostas para os impasses legados pela história imperial. Os grandes problemas que o afligiam estão ainda na ordem do dia. As constantes violações na Palestina, as tensões herdadas do mundo bipolar que foi abalado nas últimas décadas do século XX, a agudização das desigualdades são fatos que atestam a nossa incapacidade para estabelecer uma outra ordem. Nesse terrível *imbróglio* em que nos vemos envolvidos, a figura do intelectual que ele defendia, e que soube encarnar, vem nos sugerir, mais que um farol, a imagem de uma antena, quer dizer, um instrumento produzido para captar sinais do que ocorre à volta. Seu território, para usar uma palavra que lhe era cara, foi sobretudo a cultura, com algum especial apego à literatura, tendo privilegiado em suas análises o romance europeu pelo seu “papel extraordinariamente importante na criação de posturas imperialistas em relação ao resto do mundo” (Said, 2013, p. 68).

No dossiê em que o recordamos, procuramos ter sempre em mente alguns princípios cultivados em seu percurso. A nossa opção foi privilegiar um conjunto de trabalhos que, além de oferecer uma reflexão sobre a sua obra e a sua atuação, também plasmasse a força de seu pensamento, indicando caminhos fecundos para um novo desenho do mundo e do conhecimento, sem perder de vista o sentido da diversidade que coloca em causa a hierarquia plantada pelos impérios. A seleção contempla artigos sobre a sua produção, cujo valor é inquestionável, mas também inclui trabalhos que fazem da sua visão de mundo um instrumento para dessacralizar certos dogmas que têm orientado as estruturas de poder. Com a participação de estudiosos de diferentes áreas do saber e de quatro continentes, podemos visitar e revisitálos alguns dos pontos que estruturam seu olhar sobre o mundo e sobre as matérias que escolheu para interferir na ordem das coisas. Da questão palestina ao lugar da África, um dos espaços mais orientalizados na contemporaneidade, como ressaltamos, passando pela discussão sobre as questões ambientais e a economia, sem descurar da literatura, uma de suas

paixões, os textos exprimem a pluralidade de ângulos e de lugares para reiterar que estamos diante de um intelectual incontornável no conhecimento que devemos construir. Seguindo uma de suas mais caras lições, na organização desse conjunto não optamos necessariamente pela convergência de pontos de vista, aceitando inclusive a possibilidade da dissonância como forma de alimentar o debate e verticalizar a reflexão.

Abrimos o dossiê com o texto de Manuela Ribeiro Sanches. Relendo um conjunto de ensaios de Edward Said, a autora localiza, no desalinhamento no tempo e no espaço, uma das marcas que caracteriza a figura do intelectual palestino. Tal condição antecede e prepara um pensamento pautado pelo rigor filológico, pela intempestividade das interpelações e pela ausência de concessões no plano político. A partir dessa constatação e movida por uma série de perguntas que giram à volta do lugar da condição humana face à injustiça social e ao esgotamento de recursos do planeta, a professora da Universidade de Lisboa e investigadora da Universidade Nova de Lisboa reflete sobre a ligação existente entre duas posições aparentemente rivais: a de Edward Said, manifesta em alguns textos tardios, e algumas propostas de Dipesh Chakrabarty, em especial a que faz entrecruzar a abordagem pós-colonial e a condição humana na era do Antropoceno.

Rakefet Sela-Sheffy mostra-nos como o conceito de “orientalismo”, no sentido que lhe atribui Edward Said, pode ter diferentes usos e estar na origem das mais insuspeitadas transformações na atualidade. A professora da Universidade de Tel-Aviv parte de alguns exemplos oriundos da sociedade árabe em Israel: a resistência popular à política ambiental do Estado e a herança da colheita de ervas silvestres, por um lado; o ativismo ambiental que irrompe entre mulheres palestinas em aldeias árabes, por outro. Para a autora, o ambientalismo, dada a sua proeminência como uma tendência global nos dias de hoje, instaura-se como um caso de estudo por excelência para aferir a complexa apropriação de repertórios globais por comunidades locais. Com base nesse itinerário, Rakefet Sela-Sheffy procura responder à seguinte pergunta: como e quando adotar ideias e práticas ambientais contribuirá para lutas de identidade de grupos desprivilegiados?

Situando sua análise em obras produzidas em tempos e espaços distantes, concretamente *Oroonoko: or, the Royal Slave* (1688), de Aphra Behn, *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift, e *Paradisos Oceânicos* (1930), de Aurora Bertrana, Laura Santamaria analisa a reação ao colonialismo e à escravidão que se inscreve na literatura de viagem produzida no Ocidente. Com o auxílio de subsídios teóricos de Edward Said, Homi Bhabha, Salman Rushdie (“orientalismo”, “terceiro espaço”) e

de Gayatri Spivak (“subalternidade”), a professora da Universidade Autônoma de Barcelona ressalta as diferentes estratégias que utilizaram esses autores para desestabilizar a ordem dominante. No processo, Laura Santamaría observa que, embora movida por boas intenções, que se vislumbram no desejo de reconhecer o “outro”, o ponto de vista ocidental se torna perceptível de distintas maneiras nas três narrativas.

O artigo de Max Hidalgo Nácher conduz-nos ao pensamento de Juan Goytisolo, que, do ensaio à epístola, desdobra-se em diversos registros de escrita. Para o professor da Universidade de Barcelona, Goytisolo estabelece, nessas diversas linguagens, uma ruptura com correntes da historiografia e da literatura espanhola que herdaram de modelos interdependentes (como nacional-católico, o franquista e o imperial) um registro essencialista e tradicionalista, cujos efeitos se fazem notar na contemporaneidade. Apoiando-se na reflexão de Edward Said, para quem Goytisolo foi um dos raros intelectuais ocidentais que “cruzaram a linha para renegar a herança imperial e colonial que lhes era própria”, e na correspondência que o escritor catalão manteve com a sua rede de “afiliações”, Max Hidalgo Nácher apresenta novos dados para compreendermos os laços simbólicos entre Hispanismo e Orientalismo.

Deslocando o olhar para o complexo jogo de representações histórico-antropológicas produzidas por portugueses sobre comunidades asiáticas de Moçambique, em particular sobre os cantoneses da cidade da Beira, e situando sua análise entre 1950 e 1960, Lorenzo Macagno analisa o modo como a imagem dos chineses de Moçambique se transforma nas crônicas da época. O professor da Universidade Federal do Paraná investiga as afinidades entre as noções de “orientalismo” e de “lusotropicalismo” a partir de uma contradição que lhes é fundacional: a aproximação ao “outro” se faz pelo registro do exotismo e a empatia não existe sem o acompanhamento de específicos marcadores de diferença. Como estudo de caso, Lorenzo Macagno destaca a dimensão decisiva do esporte, o “principal mapa cognitivo” de onde se extrai a leitura simultaneamente orientalista e lusotropicalista do caráter dos luso-chineses de Moçambique.

Liazzat J. K. Bonate, professora da Universidade Eduardo Mondlane e da Universidade das Índias Ocidentais, examina, em seu artigo, quatro teorias sobre o Estado Islâmico desenhadas no século XX por intelectuais muçulmanos. Em seu *corpus* se incluem o xiita, o Āyatollāh Khomeinī (1902-1989) e os sunitas Abu al-A'la Mawdūdī (1903-1979), Fazlur Rahmān (1919-1988) e Hassan al-Turābī (1932-2016). Depois de refletir sobre os elementos convergentes do pensamento desses

teóricos, notadamente o desejo de construir a partir do Islã uma frente de resistência à violência contra a comunidade muçulmana no mundo (na Palestina e em outros contextos) e uma resposta política à hegemonia ocidental (com ênfase no colonialismo europeu e seus legados), Lazzat J. K. Bonate trabalha os dados que particularizam a visão de mundo de cada um deles. Apresenta, para o efeito, o modo como esses pensadores definem o Estado – suas características, princípios, objetivos e funcionamento –, o tipo de papel que atribuem às populações e às lideranças religiosas.

Ao defender a hipótese de que “cada um de nós possa dizer que há uma ideia, um argumento, que em nós seja inspirada por Said, por nós associada a ele, que para nós o resuma mais ou antes de qualquer outra coisa”, o professor Salem H. Nasser, autor do prefácio da edição brasileira de *A questão palestina*, em certa medida, legitima a motivação deste dossiê: a convicção de que sua obra tanto nos oferece um poderoso instrumental para uma reflexão acerca dos dilemas da contemporaneidade, quanto nos recorda enfaticamente a necessidade dessa discussão. Gramsci, Fanon, Foucault, Baudrillard e Chomsky são alguns dos nomes convocados pelo professor da Fundação Getúlio Vargas para um debate que, a partir do reconhecimento da verdade como um campo de disputa, focaliza as relações de poder e a força das narrativas na construção da história, levando à identificação de aspectos fulcrais no processo de invisibilização dos palestinos e o consequente apagamento de seus direitos. Em uma abordagem marcada pelo tom ensaístico, a palavra desabrida do autor reforça, com Said, a cegueira seletiva de alguns brilhantes intelectuais que deve continuar a merecer a nossa indagação.

Na companhia de Edward Said e de intelectuais dos mais diversos quadrantes, como Gabriel García Márquez, Jonathan Swift, Alain Finkielkraut, a Noémia de Sousa ou Glória de Sant’Anna, apenas para citar alguns nomes, o escritor português António Cabrita oferece um testemunho, na qualidade de professor em um país (Moçambique) que acumula desagregações históricas e inventivas formas de enxergar o mundo, acerca das relações entre desigualdade social, educação e arte. O autor interpela a escritora Paulina Chiziane e, no percurso, a tendência atual para circunscrever na arena étnico-racial o sucesso ou o fracasso da empreitada literária. No trajeto de seu argumento, o professor da Universidade Eduardo Mondlane deixa-se levar pelos ecos do pensamento do teórico palestino aqui homenageado. Para ele, com efeito, Said mostra-nos que a perspectiva de “ser-se plural é mais motivadora do que o receio atávico ao desconhecido”.

Duas entrevistas integram essa edição, ambas voltadas para o universo que o pensador palestino nos convida a visitar. Pelas vozes de Milton Hatoum e Carlos Lopes, podemos fazer diferentes incursões pelo universo contemplado pela valiosa produção de Said. Falando de diferentes pontos, com base em duas experiências tão diversas quanto a sua formação de base, ambos nos oferecem pontos de apoio para apreender a riqueza de um pensamento constituído na firmeza da inteligência e na generosidade de quem acolhe a contradição como um método para quebrar a univocidade que reproduz os esquemas de poder.

São muitos os laços entre Milton Hatoum e Said, que, por suas mãos, desembarcou no Brasil em 1988. Um artigo seu, publicado por um grande jornal, despertou o interesse para a obra que entre nós só seria editada a partir de 1993. Em 2005, ele traduziu *Representações do intelectual – As Conferências Reith* de 1993. Em 1996, por sua indicação, foi publicado *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. Doutor em Literatura Comparada e um de nossos mais conhecidos ficcionistas, ele navega com segurança nas águas complicadas da criação e da crítica literária, oferecendo-nos a verticalidade de uma abordagem original e madura do universo temático do nosso autor, muito enriquecida ainda pela sua familiaridade com alguns dos tópicos essenciais no desenvolvimento de obras como *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo*. O imaginário orientalista, os desafios da representação, as questões postas pelas variadas formas de exílio, o conjunto de nós que impactam a tradução são algumas das preocupações partilhadas pelo pensador palestino e o escritor manauara. Sua voz credenciada é aqui trazida pela entrevista realizada pelos organizadores do dossiê.

Como uma saudação ao lugar que Said entrevia para o continente africano no concerto do mundo, o dossiê encerra-se com uma entrevista a Carlos Lopes, importante economista nascido na Guiné-Bissau, o país de Amílcar Cabral, um dos líderes dos movimentos independentistas na África e sobre quem ele publicou vários trabalhos, entre os quais o livro *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. Nomeado em *Cultura e imperialismo*, Cabral tem seus “admiráveis discursos e escritos” assinalados por Said, que ressalta “A arma da teoria” e “Libertação Nacional e cultura”, textos em que reconhece “o utopismo e a generosidade teórica” do dirigente e pensador assassinado em 1973. Em sua entrevista, o professor da Universidade de Oxford e da Universidade de Capetown, antigo Subsecretário Geral das Nações Unidas e atual Alto Representante da União Africana para as Negociações com a União Europeia aborda questões centrais para entendermos o passado (e o modelo orientalista que continua organizando sua

leitura), o presente e os desafios que se colocam a mais de meia centena de países que, há até bem pouco, encontravam-se enredados nas malhas da colonização europeia. Publicada inicialmente na França, ao oferecer argumentos que retiram a África do passado e do lugar de objeto, a entrevista traz ao debate sua contemporaneidade, que passa pela urgência de romper economicamente e culturalmente com as matrizes do império, o que confirma a amplidão de horizontes disciplinares que o pensamento de Edward Said é capaz de guardar.

Longe de esgotar o arco de possibilidades abertas pela concepção do orientalismo segundo Edward Said, a organização deste dossiê, para além de evocar os 30 anos da publicação de *Cultura e imperialismo* e os 20 anos da morte de seu autor, foi norteada pelo desejo de acolher “reflexões sobre a contemporaneidade, em sua constituição histórica, geopolítica e cultural”, um dos objetivos previstos pela *Revista Exilium*. Moveu-nos, assim, o interesse de, em campos diversos, manter aceso o debate a respeito dos dilemas do presente a que um pensador como ele não renuncia. Com as suas especificidades, cada autor pôde, portanto, exercitar o seu olhar, escolhendo a estratégia que julgou positiva para nos trazer o seu objeto, reforçando a natureza da publicação que se pauta pelo “cosmopolitismo do espírito e da hospitalidade”.

Em *A pena e a espada*, um conjunto de entrevistas de Said organizado por David Barsamian, a responsabilidade dos intelectuais se revela como uma preocupação, uma quase obsessão à qual ele manteve sua total lealdade. A conexão entre o conhecimento e a transformação social, desdobrada em todas as áreas de interesse, constitui, indiscutivelmente, uma das linhas de força de sua produção. Uma obra assim continental só pode ser homenageada com um mergulho nos problemas que levantou, uma incursão que, sem encontrar respostas, dê visibilidade às perguntas suscitadas em muitas das noites de insônia, “esse estado de precioso, a ser desejado quase a todo custo”, como Edward Said refere nas últimas páginas de suas memórias. Com ele, aprendemos que a legitimidade do trabalho intelectual reside no “sentido de movimento, no tempo e no espaço, em toda espécie de estranhas combinações que se movem, não necessariamente para a frente, às vezes em choque com as outras, fazendo contrapontos”. Elegendo a mobilidade e a dissonância como princípios essenciais, ele ataca também o comodismo burocrático que tinge o campo do conhecimento e nos convida, a cada um de seus leitores, para a aventura de “preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo”.

Referências bibliográficas

- Assahar, Y. (2022). Interrogações acerca de uma memória embalsamada. Em Taysir, M. (org.). *Gaza, terra da poesia*. Rio de Janeiro: Tabla.
- Candido, A. (1959). *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes.
- Darwish, M. (2004). Edward Said: A contrapuntal reading. *Al-Ahram Weekly Online*, Disponível em: <<http://weekly.al-ahram.org.eg/2004/710/cu4.htm>>.
- Mbembe, A. (2013). *Sair da grande noite*. Luanda: Pedago.
- Said, E. (1993). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. (2004). *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. (2007). *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. (2005). *Representações do intelectual. As Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras.
- Said, E. (2013). *A pena e a espada: diálogos com Edward Said por David Barsamian*. São Paulo: Editora Unesp.
- Sanches, M. R. (2011). *Malhas que os impérios tecem – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.
- Santos, M. (1986). *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (1996). *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp.